

# Curso sanduíche vira estratégia de internacionalização

Faculdades usam a chamada e-mobility, ainda rara no ensino tradicional, para fechar parcerias com instituições estrangeiras

**Mariana Segala\***, de Guadalajara  
msejala@brasileconomico.com.br

A internacionalização das universidades está no topo da pauta das mais recentes discussões sobre ensino superior no mundo. Ela é vista como caminho sem volta para as que desejam se consolidar como instituições de ponta. A ampliação das alternativas para tal, tirando partido das mais avançadas plataformas tecnológicas, começa a tomar forma e a dar origem a conceitos inovadores, com base na mobilidade virtual — ou e-mobility. Trata-se de combinar a tradicional mobilidade universitária, que pressupõe cursar disciplinas em instituições diferentes daquela em que se está matriculado, o que também é conhecido como curso sanduíche, com ferramentas de e-learning, que possibilitam o compartilhamento de informações a distância.

Não que a tarefa seja fácil. Envolve um longo trabalho de harmonização dos semestres letivos e um grande esforço para que as universidades reconheçam e homologuem conteúdos ministrados pelas outras. No ensino superior tradicional ainda é difícil apontar casos de sucesso de mobilidade virtual. Mas eles começam a se difundir entre as instituições especializadas em ensino a distância, como a Universidade Nacional de Ensino a Distância (Uned) da Espanha.

Com 250 mil alunos, a instituição pública de ensino — que tem o maior número de estudantes do país — firmou, há uma semana, um convênio com a Universidade Nacional Autônoma do México (Unam) para desenvolver atividades de mobilidade virtual que permitam aos alunos terminar o curso de graduação com dupla titulação. “Queremos começar a oferecer estas titulações, que deverão abranger áreas ligadas a psicologia, educação e meio ambiente em um ano e meio”, diz o reitor da Uned, Juan Gimeno. A universidade mantém acordos também com outras instituições, mas envolvendo apenas o desenvolvimento de atividades e cadeiras pontuais.

No México, a mobilidade virtual e a dupla titulação em cursos a distância têm lugar em instituições como o Instituto



**Mobilidade virtual não é apenas criar espaços para a troca de informação, mas sim possibilitar que os alunos cursem disciplinas que serão reconhecidas como créditos de seu curso**

**José Carlos Marques dos Santos**,  
reitor da Universidade do Porto

Tecnológico de Monterrey — instituição que, embora tenha a maior parte dos seus alunos provenientes de cursos presenciais, possui tradição no ensino a distância. Cursos de pós-graduação em convênio com instituições como as americanas Thunderbird University e Carnegie Mellon University são realidade há 12 anos e deles já saíram 1,3 mil alunos formados.

Os desafios para a implementação de sistemas de mobilidade virtual são de toda sorte, ressalta o reitor de Monterrey, Rafael Rangel Sostmann. “Uma das questões é que as universidades latino-americanas ainda são muito protecionistas”, afir-

ma, lembrando que a harmonização dos currículos é necessária para permitir o reconhecimento das cadeiras cursadas em outras instituições. O Instituto de Monterrey possui hoje 18 mil estudantes de graduação e 12 mil de pós-graduação a distância, além de outros 240 mil participantes de cursos corporativos e de cunho social.

“Mobilidade virtual não é apenas criar espaços para a troca de informação, mas sim possibilitar que os alunos cursem disciplinas que possam ser reconhecidas como créditos no seu curso”, explica o reitor da Universidade do Porto, em Portugal, José Carlos Marques dos Santos. O tema foi um dos assuntos centrais de uma mesa de discussão sobre mobilidade universitária liderada por Santos na última semana no II Encontro de Reitores Universia em Guadalajara, no México, que reuniu representantes de mais de mil universidades. No ensino superior tradicional, ressalta Santos, a mobilidade virtual poderia servir de complemento à mobilidade física. Em vez de passar um semestre estudando fora, o aluno poderia passar três meses se, em contrapartida, pudesse cursar algumas disciplinas a distância, diz. “O contato com outras culturas fica mantido com custos muito menores, o que poderia ajudar a ampliar a quantidade de estudantes atendidos.” ■ *\*Viajou a convite do Santander*

## Instituições brasileiras ampliam parcerias

A necessidade de fazer parcerias para permitir o intercâmbio de alunos de graduação e pós-graduação é uma realidade também das instituições de ensino nacionais. “Educação a distância não é um privilégio de quem faz isso formalmente. Todos nós, de alguma forma, utilizamos esse recurso para aprender”, afirma Stavros Xanthopoulos, diretor executivo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Online. Mas questões como a barreira criada pela língua portuguesa, o pequeno número de estudantes fluentes em inglês no país e a criteriosa regulamentação do Ministério da

Educação inibem as iniciativas. “As portas para este tipo de parceria se abrirão a medida que escolas de outros países passarem a reconhecer o valor e a qualidade do ensino e da pesquisa no Brasil”, diz Irineu Gianesi, diretor de pós-graduação do Insper. A instituição começa, no quarto semestre, um curso de dez semanas em parceria com o Massachusetts Institute of Technology, dos EUA, como disciplina eletiva do MBA. Já a FGV lança este ano, junto ao Manchester Business School, da Inglaterra, um MBA Global, com dupla formação. **Regiane de Oliveira**